

O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro

Quatro filmes, duas vitórias: na carreira de Glauber Rocha, *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* é um retorno às origens e a confirmação de uma descoberta — é de novo o Nordeste místico-violento, a continuação de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Nos seis anos que separam as duas obras, o diretor tentou a invasão de outra paisagem, promovendo com *Terra em Transe* a polémica inútil, pois o melodrama político, além de normalmente limitar o raio de ação do cineasta, precisa ser criticamente claro — e a prudência, escondida no abuso da metáfora, ou então a falta de convicção, ou ambas, tornavam o filme obscuro, indecifrável. Aquela posição não era verdadeira, até a provocação era falsa. O Eldorado que Glauber Rocha andou escavando nos subterrâneos da política não estava lá; ou continuava, para ele, no mesmo lugar — no sertão baiano, à luz do sol. A volta, que há quem julgue ser uma concessão, era imperiosa necessidade. E, embora *O Dragão da Maldade*, obra já estruturalmente organizada, não alcance os pontos mais altos do ainda narrativamente caótico *Deus e o Diabo*, essa volta, seja ou não uma concessão, não é um retrocesso.

O diretor também reencontra um de seus personagens, Antônio das Mortes, o mais vivo entre os que criou até agora. Um matador de cangaceiros, o carrasco de Corisco na outra história, Antônio das Mortes continua sendo um pistoleiro profissional, um vulto escuro capaz de produzir com a simples

presença física uma tensão silenciosa. Novamente bem interpretado por Maurício do Vale, ressurgiu a serviço de um coronel do interior razoavelmente corrupto e devasso, além de irremediavelmente cego. O coronel (Jofre Soares) tem problemas, porque tem muita terra — e, em Milagres, sobrevivem cangaceiros que se misturam a devotos de Inhamã (Santa Bárbara) e São Jorge, geralmente cantando/dançando em volta dos dois santos, simbolizados ou reincarnados — de qualquer forma, míticos, invulneráveis à violência circundante, extrapersonagens. No final, o negro vestido de vermelho irrompe montado na praça coalhada de cadáveres e, com a lança, pune o vilão latifundiário. Nesse instante, um clarão na imagem reitera o caráter de revelação da cena que reproduz o quadro tantas vezes pintado: São Jorge matando o Dragão que se enrosca sob as patas de seu cavalo.

O Dragão da Maldade é o exemplo nacional mais próximo da linha do *western* — muito mais do que a fila dos filmes de cangaço que se formou no premiado rastro de *O Cangaceiro*, de Lima Barreto. Na estrutura da obra, incluindo tipos e situações, aquela aproximação é evidente, sem perturbar, contudo, uma gravidade própria, sem negar ao filme uma feição particular. A resposta da imaginação humana ante determinados desafios não sofre variações extraordinárias: assim, elementos do Velho Oeste americano são semelhantes aos do Nordeste brasileiro do tempo dos cangaceiros, trinta ou quarenta anos atrás. Em

O Dragão da Maldade, a figura tática de Antônio das Mortes é equivalente à do *gunslinger*, o sinistro e quase sempre excitante personagem visto em tantos *westerns*, nem todas as vezes tão absolutamente satânico quanto o vivido em *Shane* por Jack Palance. O pistoleiro pode, em sentido contrário, representar um justiceiro; o contrato se transforma em missão, a partir de uma tomada de consciência *in loco*, como é o caso de Audie Murphy em *No Name in the Bullet* (Balas que não Erram), admirável (e quase ignorado) *western* de Jack Arnold. Como o pistoleiro negro de *No Name in the Bullet*, Antônio das Mortes chega, vê e, em certa altura, já não está mais movido por um contrato — fará o que julgar o mais certo, depois de deixar de fazer (fase passiva, intermediária) o que começa a considerar errado. Na última cena; a imagem clássica do herói que, cumprida a missão, se afasta, sempre só. A cavalo, segundo a regra, ou a pé, na movimentação da Rio-Bahia, com Antônio das Mortes (ou, até, de helicóptero, como Clint Eastwood em *Coogan's Bluff*, *western* em Nova York).

Em *Deus e o Diabo*, se Corisco era herói, Antônio das Mortes era o vilão — ou não havia sinal de maniqueísmo na história. Em *O Dragão da Maldade*, os cangaceiros são, talvez antes de tudo, vítimas. Formam um grupo tão agonizante quanto o seu chefe, que se arrasta e cambaleia e ainda protesta (em versos) após o duelo, praticamente dançado, em que é vencido por Antônio das Mortes, mais rápido e mais certo com o facão do matô.